

OSSO

A OSSO é uma associação cultural sediada na aldeia de São Gregório, Caldas da Rainha, cujo trabalho se foca no apoio à criação, formação, investigação e programação artística.

se quiseseres, ó
desenhador,
eu abro o pei-
to e dou-te o
meu coração

guarda a melhor das sementes
na cal que te incendeia as mãos
calça as sandálias de couro

apanha a árvore que pende da
maçã e devolve ao ribeiro os
seixos que chocam no teu bolso

Índice

2
Índice / Editorial

3
**Se quiseses, ó desenhador, eu abro o
peito e dou-te o meu coração**
Matéria Simples

David Maranhã, Catarina Silva, João Pimenta Gomes,
Pedro Tropa e Teresa Santos

8
Caderno dos Labirintos
As nossas Casas
Pedro Tropa e Perrine Le Monnier

12
Holofote
Cisterna
Em conversa com Maria Borges

14
Jornal das Espécies
Nespereira
Eriobotrya japonica (Loquat Tree)

SÓCIO OSSO

Ser sócio da OSSO dá
desconto nos eventos públicos
dos dias abertos e nas
oficinas para crianças.

Cota anual: 12€
contacto:
ossocultural@gmail.com

Editorial

Neste segundo número do Jornal da OSSO, olhamos para o trabalho desenvolvido durante a residência do grupo de artistas MATÉRIA SIMPLES, que se debruçou sobre a relação temática entre Som e Desenho. Durante este período o trabalho incidu na construção de sete instrumentos sonoros arcaicos, os Sistros, para uma peça sonora e performática, e um conjunto de desenhos, dos quais reproduzimos alguns nesta edição.

Os sistros são instrumentos litúrgicos (do grego *seistron*), instrumentos de percussão que consistem numa estrutura de metal, madeira ou cerâmica, com travessas e arames que chocalham pequenas moedas metálicas, soando quando o instrumento é sacudido. No antigo Egipto os sistros eram usados nas cerimónias religiosas para anunciar a entrada de uma divindade. Julga-se que a sua sonoridade imitava o som dos caules sacudidos da planta do papiro, evocando o mito do aparecimento do deus Hórus num pântano com estas plantas. Conhecemos exemplos dos sistros desde a Suméria, cerca de 2500 a.C., e por todo o império romano, associado ao culto de Ísis. Sistros semelhantes são tocados ainda hoje na África Ocidental e na liturgia das igrejas Copta e Etíope.

A peça performativa que foi o trabalho central deste período de residência na OSSO recupera a sonoridade destes instrumentos antigos, articulando-os em breves ciclos polirrítmicos no limiar da música e da experiência acústica. Ciclos estes que se vão sobrepondo e cintilando sobre um outro espaço sonoro com outra densidade e outra qualidade (sons pré-gravados, violino, mellotron, sintetizador, etc). São assim dois movimentos sonoros que confluem. Da mesma forma, os desenhos sugerem os movimentos desses mesmos ciclos percussivos, as suas fronteiras, afinidades e deslocações intermitentes. Não são representações dos instrumentos mas dos seus sentidos sonoros, harmónicos e rítmicos que ficaram presos como linhas estáticas e visíveis.

No espaço central do Caderno dos Labirintos planificámos um exercício de desenho sobre a temática da casa. Um pequeno plano de trabalho com os passos a seguir pelos mais novos, para estimular a sua atenção aos temas da arquitectura, da representação e da perspectiva. Este exercício vem no seguimento das oficinas que realizámos em colaboração com a escola básica de São Gregório e as oficinas temáticas de Gravura e Encadernação com Perrine Le Monnier.

Para a rubrica Holofote desta edição, estivemos em modo de conversa com Maria Borges, acerca da cisterna que se encontra no seu terreno agrícola e a sua antiga utilização. Finalmente, no Jornal das Espécies, abordamos a Nespereira, árvore por vezes tão esquecida e que por esta altura dá o seu fruto.

OSSO colectivo

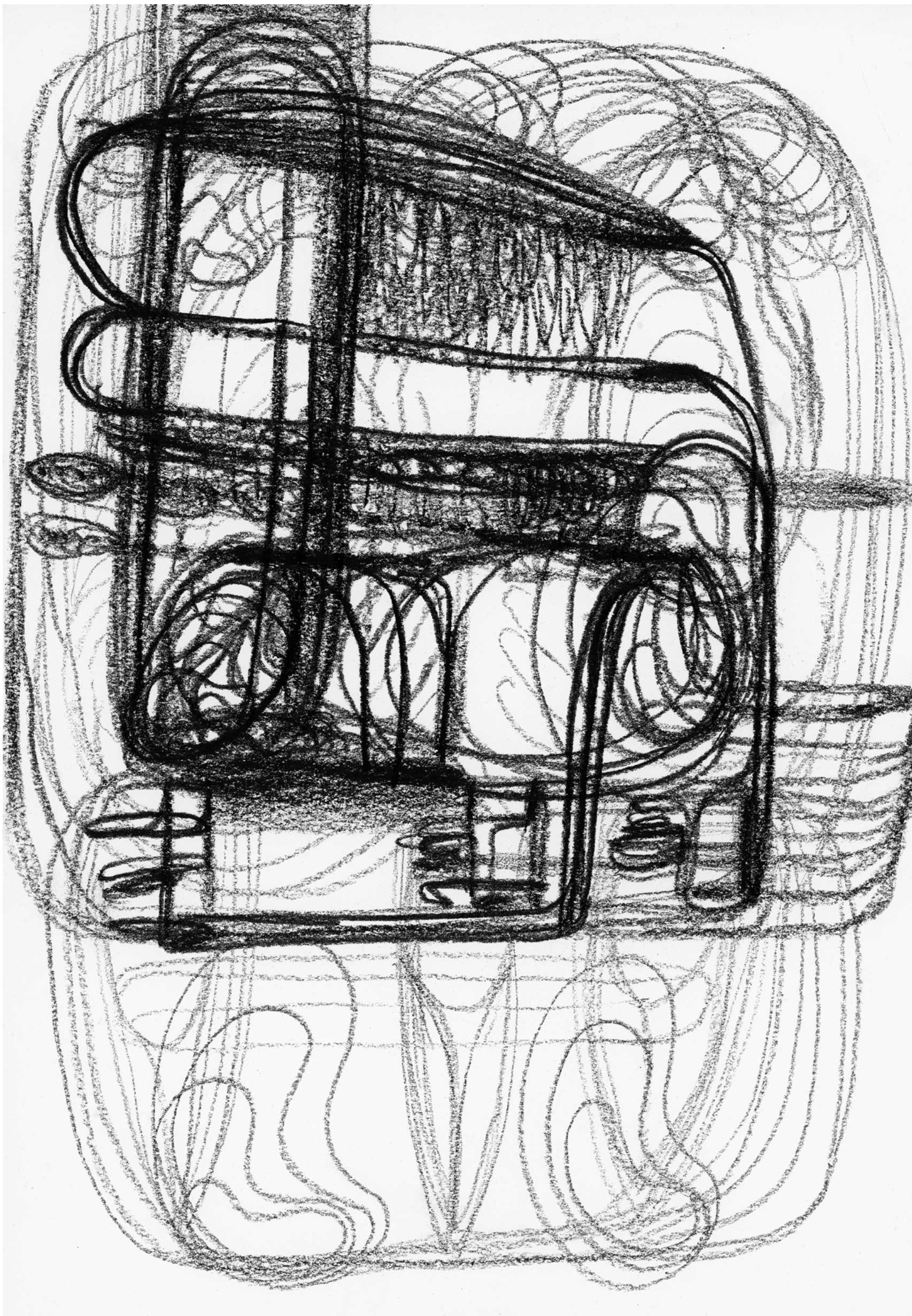
OSSO Direcção Artística: Ricardo Jacinto | Direcção de Gestão: Rita Thomaz | Direcção Técnica: Nuno Morão | Coordenação Editorial: Pedro Tropa | Coordenação de Formação: Teresa Santos | Produção: Liliana Ferreira, David Vital (estagiário) | Comunicação: Teresa Sampaio e Júlia Santos | Documentação: Teresa Sampaio | Equipa Técnica: Vasco Pita, Ricardo Tocha, Samuel Silva e Teresa Sampaio | Monitores: Miguel Ângelo Marques e Laura Santos | **JORNAL OSSO #2** Editores: Ricardo Jacinto e Pedro Tropa | Design Gráfico: Pedro Tropa | Impressão: Gracal – Gráfica Caldense | Produção: OSSO | **APOIOS** Câmara Municipal Caldas da Rainha | Gazeta das Caldas.

OSSO

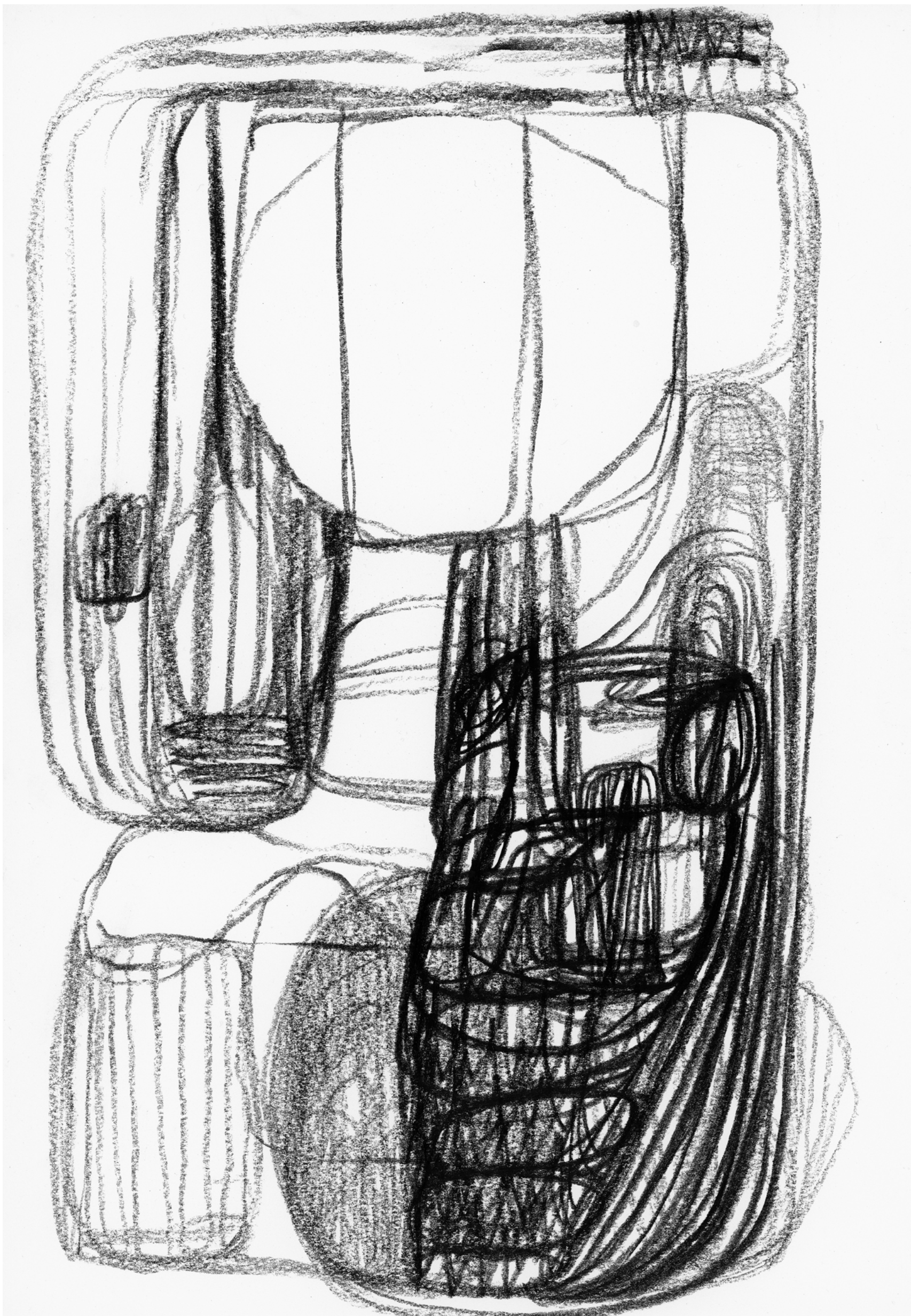
OSSO é uma estrutura financiada por:

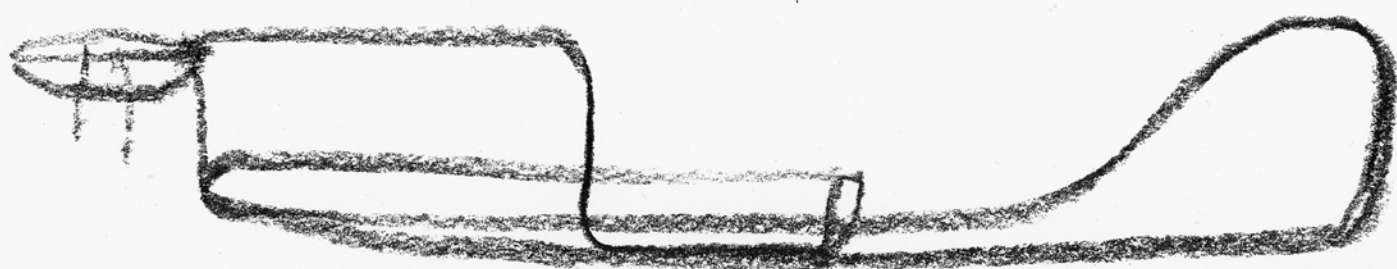
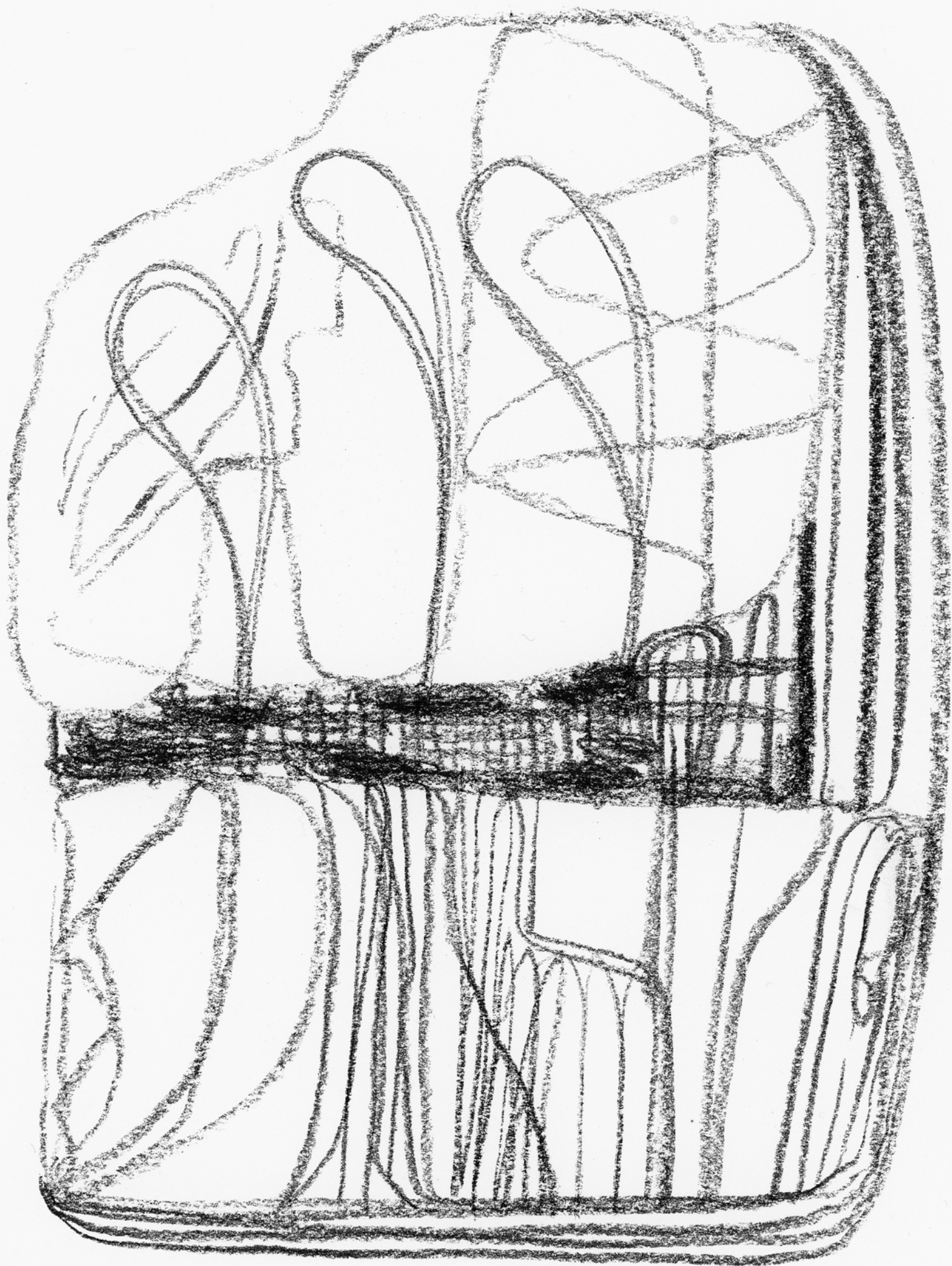
*dg*ARTES DIRECÇÃO-GERAL
DAS ARTES

 **REPÚBLICA
PORTUGUESA**
CULTURA









Caderno dos Labirintos

O Caderno dos Labirintos é um suplemento do Jornal da OSSO dedicado ao programa educativo de oficinas para crianças

as

noSSas

casas

Pedro Tropa
Perrine Le Monnier



A minha casa

Vamos explorar a casa, de forma a poderes desenhá-la. Começa por observar o seu interior, as várias divisões: quartos, sala, cozinha, wc, etc. Observa como os seus vários espaços se ligam entre si e como comunicam através de corredores, escadas e patamares. Que tipo de casa habitamos? Um andar num prédio ou numa moradia isolada. Quantos pisos tem e que espaços exteriores se ligam a ela.

Linha e contorno

Agora vai para o exterior e observa a forma e o contorno da tua casa. Tenta perceber onde se situam as divisões do seu interior. Escolhe um ponto de vista que vejas dois lados da casa. Por exemplo, a frente e uma face lateral. Numa folha de papel começa por desenhar, através de linhas simples e direitas, a forma do edifício. Vai seguindo essas linhas que desenharam as esquinas das paredes, do telhado até ao chão, até teres o desenho geral da casa.

PEQUENO GLOSSÁRIO DE PALAVRAS E IDEIAS:

Água-furtada - piso superior de uma casa cuja cobertura é o telhado.

Alçado - desenho da fachada de um edifício.

Alicerces - elementos que fazem parte da fundação e servem para distribuir as cargas para o solo.

Algeroz - canal de escoamento do telhado, das águas das chuvas.

Alpendre - tecto saliente de uma fachada ou porta e normalmente sustentado por colunas ou pilares.

Casa - construção destinada a habitação.

Corrimão - elemento de segurança instalado nas escadas, geralmente feito de madeira ou metal, servindo para apoiar as mãos e evitar quedas.

Cozinha - espaço da casa destinado ao preparo de alimentos, equipado com fogão, lava-loiças, frigorífico, etc.

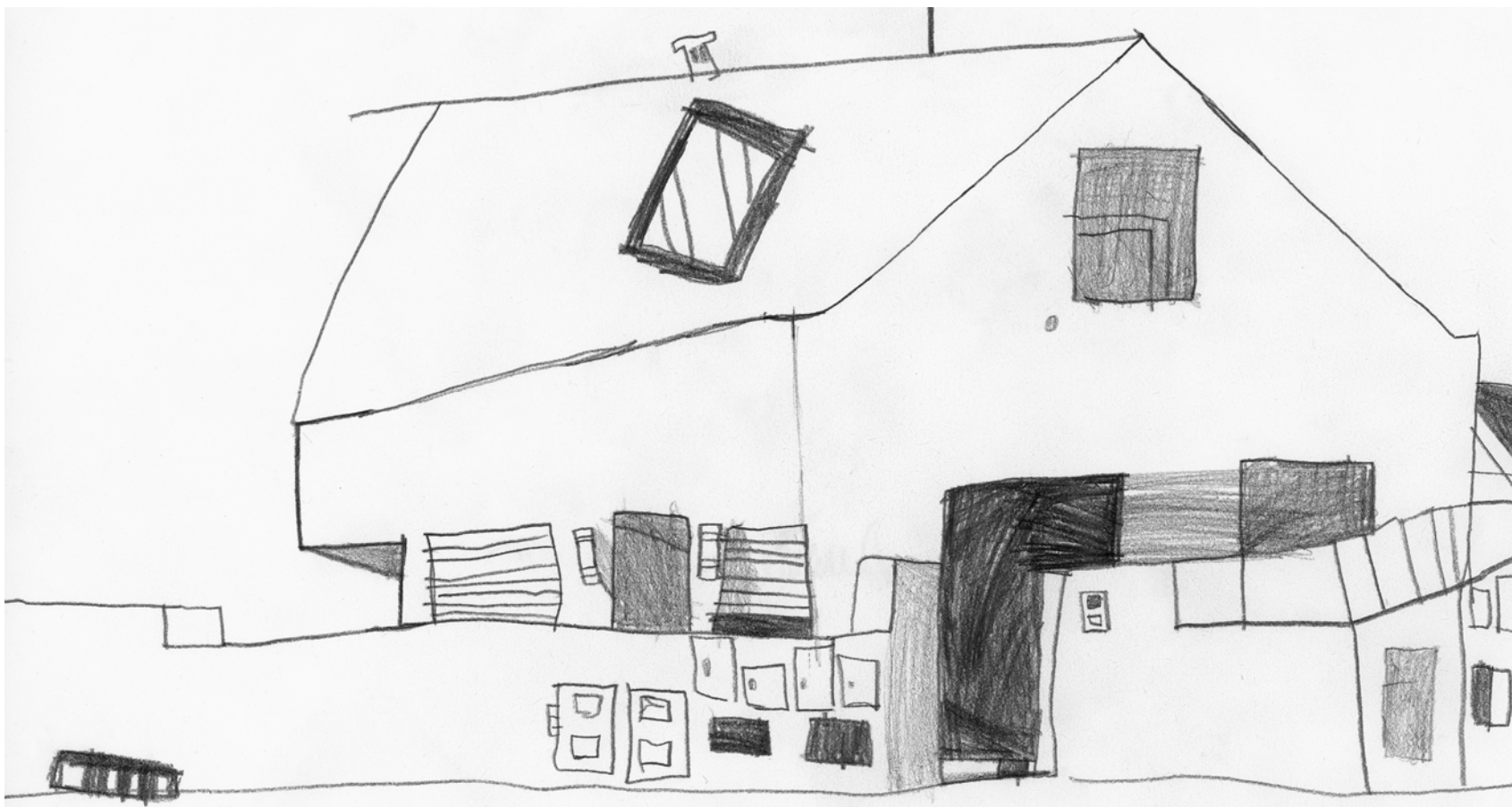
Balaustrada - parapeito corrido ou guarda de varandas e terraços suportado por balaústres.

Bandeira - janela, geralmente fixa, na parte superior de portas ou janelas.

Escada - conjunto de degraus uniformemente espaçados, pelos quais se sobe ou desce, possibilitando vencer fortes inclinações.

Escala - relação entre as distâncias ou dimensões representadas numa planta ou outro desenho e as distâncias ou dimensões correspondentes procuradas ou existentes.

Fachada - face exterior de um edifício ou de uma construção, que se distingue pela sua posição: anterior, posterior ou lateral.



Volume e perspectiva

Repara que muitas das linhas que estás a desenhar são paralelas ou perpendiculares entre si, e dependendo do teu ponto de vista podem estar inclinadas e terem diferentes direcções. Isto resulta do volume da casa e das suas três dimensões (altura, largura e comprimento). Para o teu desenho ter a sugestão de profundidade e volume tens que criar uma certa perspectiva, ou seja, representar a inclinação das linhas que não estão de frente para ti.

Paredes, portas e janelas

Uma vez que tens a forma da casa desenhada, podes começar a desenhar os seus outros elementos: janelas, portas, portões, escadas exteriores, gradeamentos, varandas, muros, etc. Todos estes elementos têm o seu lugar e posição de acordo com as paredes, o telhado e o chão, e dependendo do teu ponto de vista, alguns destes elementos podem estar parcialmente escondidos. Esta parte do desenho pode ser mais ou menos pormenorizada.

Folha - parte móvel da janela que se abre ou fecha.

Fresta - vão de janela de abertura muito pequena servindo normalmente para ventilação.

Fundação - estrutura que suporta toda a construção, transmitindo as cargas da edificação para o solo.

Habitação - casa onde se habita; vivenda, residência. Parte particular do habitat humano (localização, agrupamento de casas, etc.) que inclui não só o meio físico, mas também o meio social e cultural.

Mestre-de-Obras - pessoa encarregada pela construção de uma casa ou edifício, segundo o projecto de um arquitecto ou engenheiro.

Muro - obra de alvenaria que serve para vedar um espaço ou formar os lados ou compartimentos de um edifício.

Parapeito - parede ou resguardo elevado à altura do peito, utilizado

em janelas, terraços, pontes.

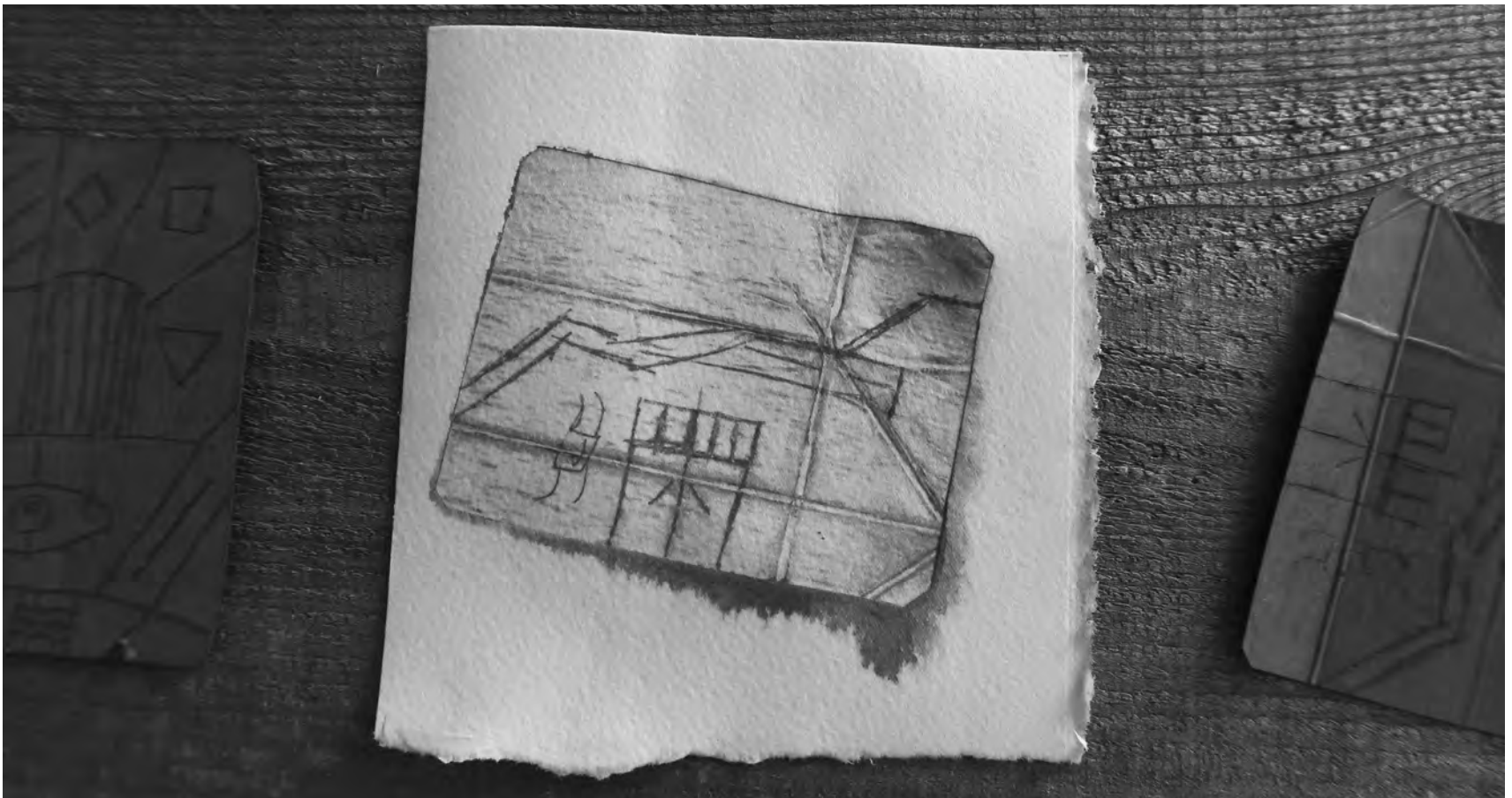
Paredes - elementos verticais que dividem os espaços e servem para sustentar a estrutura.

Pé-direito - distância que vai do pavimento ao tecto de um compartimento.

Porta - vão rasgado num muro até ao nível do pavimento para permitir o acesso.

Parede - vedação vertical de qualquer espaço. Muro que geralmente sustenta o madeiramento de um edifício. Na arquitectura actual existem dois tipos de paredes: as estruturais, que têm uma função resistente, e as de enchimento, que constituem as divisórias de compartimentos.

Sala de estar - espaço da casa destinado ao convívio social, geralmente equipado com sofás, poltronas, mesas de centro, etc.



Desenhos e gravura dos alunos da escola Básica de São Gregório.

Gravura

Podes continuar os desenhos da tua casa utilizando uma técnica de impressão em gravura, que consiste em desenhar com uma ponta seca ou uma agulha, abrindo sulcos finos e delicados. Como se riscasses com um lápis. Podes usar esta técnica sobre o interior de embalagens de leite, abertas e limpas.

Quando tiveres o desenho gravado aplica a tinta uniformemente sobre toda a sua superfície. Usa um rolo de borracha para a tinta entrar bem nas linhas dos sulcos. Em seguida, limpa o excesso de tinta

do desenho com um tecido de linho chamado tarlatana. Quanto mais limpares as zonas à volta das tuas linhas, mais definidas elas ficam e mais contraste terá o teu desenho. Finalmente, vais precisar de um papel de desenho ou aguarela, molhado e com tamanho suficiente para imprimir o teu desenho. Para isso, precisas de colocar o desenho gravado, cuidadosamente sobre o papel molhado e fazê-los passar na prensa. Se não tiveres uma prensa de gravura podes usar as costas de uma colher de pau, fazendo pressão sobre o teu desenho.

Trave - peça de madeira grossa e comprida sobre a qual assentam as outras peças menores de um pavimento ou armação; viga; barrote.

Vão - espaço vazio, oco. Abertura numa parede. Distância entre dois apoios de uma viga ou laje, simples ou armada.

Vidro - é o elemento transparente que permite a passagem de luz e ventilação natural para o interior da casa.

Viga - peça grossa de madeira desbastada que sustenta traves e barrotes dos pavimentos e tectos. Pode ser em ferro ou cimento armado.

Vivenda - edifício de um ou dois pisos; moradia.

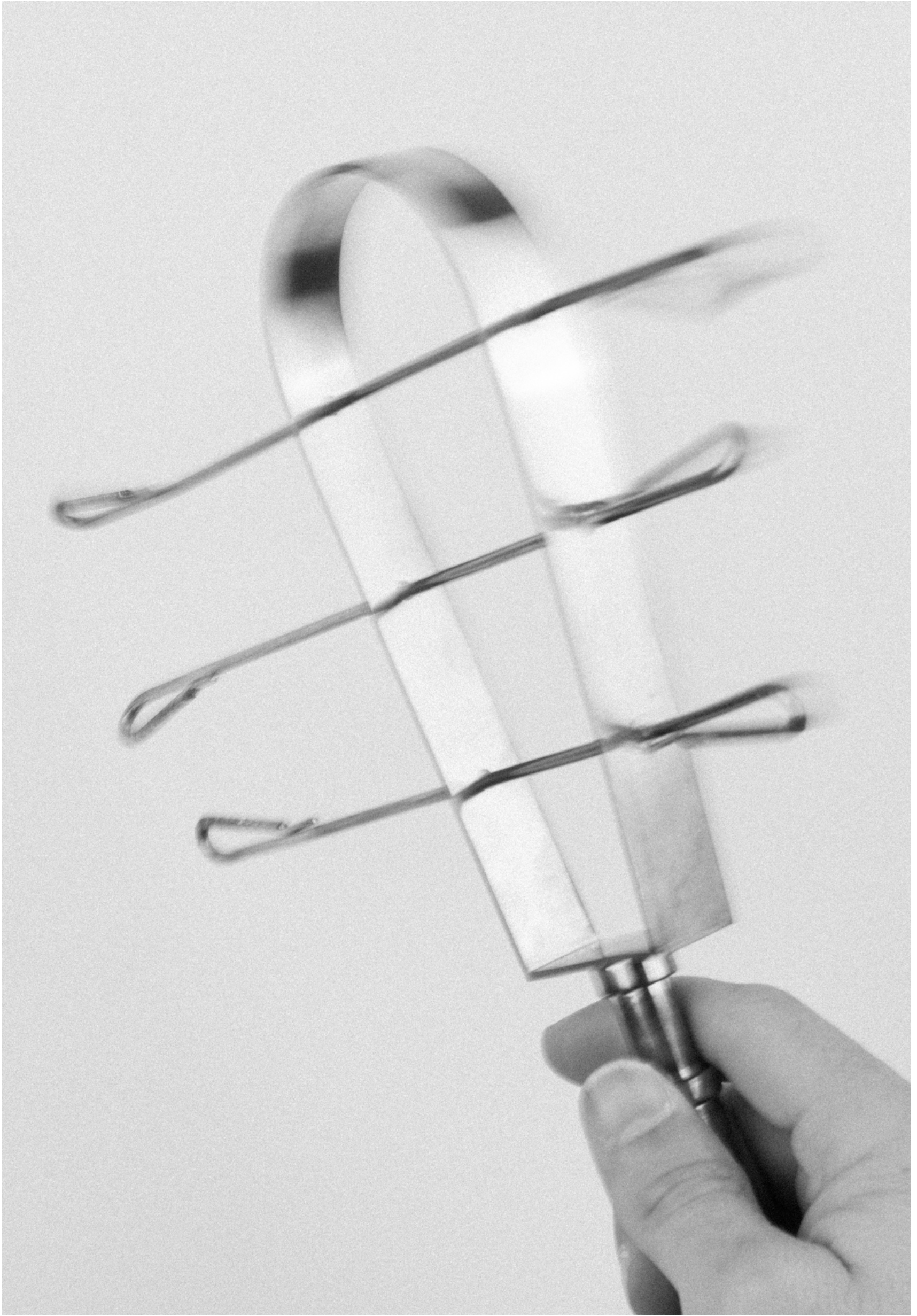
LIVROS AGORA DISPONÍVEIS NA BIBLIOTECA DA OSSO QUE SUGERIMOS CONSULTAR:

‘Pancho Guedes nunca foi ao Japão — Viagens pelos Arquivos Fotográficos de A.d’A.M. Guedes’
de José Luís Tavares, Lucio Magri e João Faria.
Ed. ESAD - Escola Superior de Artes e Design, 2015.

‘Montessori Architecture: A Design Instrument for Schools’
de Steve Lawrence e Benjamin Stæhli. Ed. Park Books, 2023.

‘Vida Moderna’
de Manuel Graça Dias. Ed. João Azevedo Editor, 1992.

‘Walden ou a Vida nos Bosques’
de H. D. Thoreau (1854). Ed. Antígona, 1999.



CISTERNA

Reservatório de água pluvial, poço estreito.

Maria Borges em conversa com Liliana Ferreira e Pedro Tropa.

Aldeia de São Gregório, 02.04.2023.

“Havia ao pé desta cisterna uma eira grande para debulhar o trigo, e a casa agrícola, que está ao lado, era uma ruína que só tinha as paredes de fora, loureiros e caniços a crescer lá dentro. Quando comprámos a fazenda recuperámos a casa e eu usava a cisterna para lavar a roupa, pois existe ao lado um tanque, hoje já um pouco roto. A cisterna tem uma mina pela terra acima e as pessoas iam lá buscar água. Um dia disse que talvez tivesse de deixar de lavar a roupa ali, era verão e já se via a testa da mina. Mas afinal a cisterna não chegou a secar. Estava tudo como está agora e a água era boa para beber. Deve estar agora mais poluída, com certeza, pois toda a gente pulveriza as ervas e não tem chovido que chegue.

A mina é muito funda e a cisterna tem um letreiro mas o que diz não sei, já não me lembro, está desgastado e já não se lêem os números. A data não sei!

A mina é dentro da cisterna, não sei até onde ela chega e a entrada é no fundo e a água nasce ali mesmo, só quando se esvazia é que se vê.

Antigamente, quando por aqui construíam uma cisterna, se não encontravam a nascente, abriam uma mina à procura da água para a abastecer. Aqui, na fazenda, temos outra nascente onde mandámos construir outro poço. No início da nossa vida o moínho ainda não trabalhava muito e plantámos um tomatal. Por essa razão mandámos fazer o poço grande que também tem uma mina pela terra acima. Um dia abateu na direção da casa, foi reparada mas ainda continua a correr água para o poço. Agora já é canalizada e o poço está independente da mina.

Aqui quase todas as pessoas tinham um poço e os que não tinham iam buscar a água aos poços dos outros, porque os chafarizes eram na rua de baixo, usados para lavadouro e consumo! As pessoas iam buscar um almude de água, às costas, várias vezes por dia... Era muito difícil.”



NESPEREIRA

Eriobotrya japonica (Loquat Tree)

«Camponês, que plantaste estas árvores reais como pássaros vivos na verdura autêntica das ramagens, sabias bem que nada valem as asas fulvas e imaginárias nas florestas do tempo. Tu sim, que concebeste todas estas folhas, flores e frutos, toda esta terra de harmonia — no tamanho duma semente mais pequena que o coração das aves.»

Árvores, de Carlos de Oliveira, in *Terra de Harmonia*. Lisboa, Assírio & Alvim, 1950.

A Nespereira é uma árvore subtropical da família das rosas (Rosaceae) cultivada pela folhagem perene, que persiste todo o ano, e pelos seus frutos comestíveis. É uma árvore nativa da zona central da China, tendo sido introduzida no Japão há mais de mil anos, onde foi desenvolvida horticulturalmente e onde é altamente valorizada. Algumas variedades japonesas chegaram à Europa e ao Mediterrâneo, onde é cultivada comercialmente, geralmente em pequena escala. As nespereiras raramente ultrapassam os 10 metros de altura, possuem folhas grossas e elípticas com as margens serrilhadas. As flores pequenas e perfumadas são brancas e dispõem-se em cachos terminais densos. Produzem frutos redondos ou obovóides de cor amarela dourada a bronze.





OSSO - ASSOCIAÇÃO CULTURAL
SÃO GREGÓRIO - CALDAS DA RAINHA
WWW.OSSO.PT